



METODOLOGIAS ATIVAS COMO CATALISADORAS DA INTELIGÊNCIA SOCIOEMOCIONAL NO ENSINO FUNDAMENTAL (6º AO 9º ANO): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MUNICIPAL DE ARACAJU-SE

Luiz Carlos Barreto Junior¹, Felix Portela da Silva², Laisa da Silva Portela³

¹Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, SE, Brasil; Pós-graduado em Metodologias Ativas e Prática Docente (EAD), Faculdade Serra Geral (FSG), Brasil; Pós-graduado em Inteligência Socioemocional (EAD), Faculdade Serra Geral (FSG), Brasil. E-mail: luizcarlosbarretojr@gmail.com

²Graduado em Pedagogia (EAD), Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP), Brasil; Pós-graduado em Psicopedagogia (EAD), Faculdade Serra Geral (FSG), Brasil; Pós-graduado em Psicologia da Educação (EAD), Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP), Brasil. E-mail: felix.portela@hotmail.com

³Acadêmica do curso de Psicologia, Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Aracaju-SE, Brasil. E-mail: laysaportela11@gmail.com

RESUMO

Transformações silenciosas no ambiente escolar têm revelado que ensinar vai muito além de transmitir conteúdos: trata-se de acolher emoções, promover vínculos e desenvolver habilidades para a vida. A experiência docente vivenciada em uma escola pública de Aracaju-SE mostra que metodologias ativas, como gamificação, rodas de conversa e projetos colaborativos, podem favorecer o desenvolvimento socioemocional dos estudantes do Ensino Fundamental II. Essas práticas possibilitam que os alunos se tornem protagonistas do próprio aprendizado, desenvolvendo competências como empatia, autorregulação emocional, escuta ativa e resiliência. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece essas habilidades como essenciais, mas sua aplicação ainda enfrenta obstáculos, especialmente na rede pública. O artigo reflete sobre esses desafios e apresenta caminhos possíveis para integrar inovação pedagógica e formação emocional em sala de aula. A prática docente descrita revela avanços concretos, como maior engajamento, melhora na convivência entre os alunos e fortalecimento da autonomia. Ao valorizar a escuta, o afeto e o protagonismo estudantil, a educação se torna mais sensível, humana e transformadora. A experiência reforça que pequenas mudanças no cotidiano escolar podem gerar impactos duradouros na formação integral dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem significativa; Competências emocionais; Educação humanizada; Ensino participativo; Formação integral.

1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos na escola, é comum imaginarmos quadros, cadernos, avaliações e conteúdo. Mas, ao caminhar por seus corredores, ao observar os olhares dos alunos ou escutar as conversas entre professores no intervalo, percebemos que a escola sempre foi muito mais do que isso. É um espaço de encontros humanos, de descobertas e de aprendizados que não cabem nos livros. E foi justamente essa percepção, tão nítida no cotidiano escolar, que nos levou a refletir: como estamos cuidando das emoções e das relações dentro da sala de aula?

Nos últimos anos, assistimos a uma transformação silenciosa e poderosa no modo como a educação tem sido pensada. As competências emocionais e interpessoais, que por tanto tempo ficaram à margem das práticas escolares, passaram a ocupar um espaço legítimo no debate pedagógico. Afinal, ensinar é também emocionar, escutar, acolher e compreender o outro. Segundo Damásio (2012), as emoções desempenham papel fundamental nos processos de aprendizagem, influenciando tanto a motivação quanto a construção do conhecimento. Em especial nos anos finais do Ensino Fundamental, marcados por mudanças físicas, cognitivas e afetivas intensas, essas questões tornam-se ainda mais urgentes.



Diariamente, vemos nossos alunos lidarem com o medo de errar, a ansiedade diante de uma prova, o orgulho ao superar um desafio, ou mesmo a frustração por se sentirem excluídos de um grupo. Como educadores, não é raro nos pegarmos perguntando: como podemos tornar a escola um espaço onde eles se sintam pertencentes, respeitados e emocionalmente preparados para o mundo?

Assumir essa responsabilidade é reconhecer que o papel da escola vai além da transmissão de conteúdo. Trata-se de formar sujeitos inteiros, com pensamentos, sim, mas também com emoções. Como nos lembra Goleman (1995), a capacidade de entender e gerenciar as próprias emoções influencia diretamente nossas relações e nosso bem-estar. Gardner (1995), ao apresentar sua teoria das inteligências múltiplas, também destacou que habilidades interpessoais e intrapessoais são componentes indispensáveis de uma formação integral. E essa visão tem sido fortalecida por estudos no Brasil, que demonstram que o desenvolvimento socioemocional contribui para reduzir conflitos, melhorar o clima escolar e aumentar o engajamento dos alunos (BRANDÃO E QUINAN, 2022; INSTITUTO AYRTON SENNA, 2018).

Foi nesse contexto que começamos a olhar com mais atenção para as metodologias ativas. Em meio a tantas discussões sobre inovação pedagógica, essas práticas vêm ganhando espaço por resgatarem algo essencial: o protagonismo do aluno. Quando o estudante deixa de ser um mero receptor de informações e passa a ser um agente ativo de sua aprendizagem, algo poderoso acontece. Ele se envolve, questiona, coopera, cria. E é nesse movimento que habilidades como empatia, escuta ativa, resiliência e autorregulação emocional podem florescer (GARCIA, 2021; SPONTE, 2023; BARBOSA, 2020).

Freire (1996) já dizia que ensinar exige escuta, diálogo e problematização da realidade. As metodologias ativas materializam esse pensamento ao criarem situações de aprendizagem em que a emoção e o conhecimento caminham lado a lado. É claro que os desafios existem e não são poucos. Formar educadores, enfrentar resistências, adaptar estruturas escolares. Mas também é verdade que os resultados, quando acontecem, são profundamente transformadores.

Este relato de experiência nasce da vivência concreta com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Aracaju-SE. Em meio a dinâmicas, jogos, rodas de conversa e projetos coletivos, vimos brotar aprendizados que iam muito além do conteúdo formal. Com este trabalho, buscamos compartilhar essas vivências e refletir sobre como metodologias ativas podem, de fato, ser catalisadoras do desenvolvimento socioemocional, promovendo uma educação mais sensível, humana e significativa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INTELIGÊNCIA SOCIOEMOCIONAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Durante o processo de construção deste trabalho, uma pergunta se repetia insistentemente: como ajudar nossos estudantes a se conhecerem melhor, a controlarem suas emoções e a se colocarem no lugar do outro em um mundo tão complexo e, por vezes, tão hostil? Foi nesse ponto que a inteligência socioemocional se revelou não apenas um conceito, mas uma urgência. Segundo Goleman (1995), a inteligência emocional é fundamental para lidar com os desafios do convívio social e para o desenvolvimento pessoal.



Aprender a conviver consigo mesmo e com os outros não é tarefa simples, especialmente na infância e adolescência, fases marcadas por descobertas, conflitos internos e transformações intensas. Habilidades como empatia, autocontrole e consciência emocional não surgem espontaneamente. Elas precisam ser cultivadas, principalmente no ambiente escolar, onde as relações se constroem dia após dia.

Autores como Goleman (1995), Gardner (1995), Vygotsky (2007) e Dewey (1959) reforçam a ideia de que não há separação real entre o aprender e o sentir. Em outras palavras, o desenvolvimento cognitivo caminha lado a lado com o desenvolvimento afetivo, e ambos se entrelaçam continuamente na formação dos sujeitos. Perceber isso na prática foi, ao mesmo tempo, um alívio e um desafio: estávamos no caminho certo, mas sabíamos que não seria simples.

A escola que abraça essa perspectiva socioemocional se torna um espaço mais seguro, mais humano. E isso se reflete no comportamento dos alunos: eles se tornam mais resilientes, colaborativos, conscientes das suas responsabilidades e, sobretudo, mais preparados para lidar com a vida real, seja com suas frustrações, suas conquistas, seus altos e baixos. Para Brandão e Quinan (2022), a formação emocional está intrinsecamente ligada à formação intelectual, uma relação que potencializa o aprendizado e fortalece os vínculos afetivos no ambiente escolar.

A formação emocional não pode ser tratada como algo à parte da formação intelectual. Ao contrário, ambas se inter-relacionam e se retroalimentam. O aluno que se sente respeitado, seguro e pertencente tende a aprender mais, a se expressar melhor e a construir vínculos mais saudáveis no espaço escolar. (Brandão e Quinan, 2022, p. 58)

Nos últimos anos, o Brasil deu passos importantes nesse sentido. A homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, marcou um avanço significativo ao reconhecer a necessidade de desenvolver competências que vão além do conteúdo puramente acadêmico. Entre as dez competências gerais previstas na BNCC, estão o estímulo à empatia, ao diálogo, à cooperação e ao respeito à diversidade (BRASIL, 2018).

Entretanto, entre o ideal e a prática há um caminho repleto de obstáculos. A realidade das escolas públicas, especialmente nas regiões menos favorecidas, ainda não permite uma implementação plena e efetiva dessas diretrizes. No estado de Sergipe, por exemplo, embora algumas iniciativas estejam surgindo, muitas escolas enfrentam dificuldades concretas: falta de formação continuada para os docentes, escassez de recursos didáticos e sobrecarga estrutural (SEE/SE, 2024). A capital, Aracaju, compartilha desses desafios, com salas lotadas, rotatividade de professores e pouca integração entre as propostas curriculares e as práticas pedagógicas cotidianas.

Esses entraves não anulam os avanços, mas nos lembram que diretrizes legais, por si só, não mudam a realidade. É necessário o envolvimento ativo de toda a comunidade escolar e projetos pedagógicos consistentes, que tornem essas competências parte viva do cotidiano escolar (COSTA E PIMENTEL, 2022).

2.2 METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Em determinado momento da pesquisa, me vi perguntando: e se os alunos tivessem mais voz? E se, em vez de apenas ouvirem, eles pudessem criar, investigar, experimentar de forma autônoma? Foi nesse ponto que as metodologias ativas começaram a fazer ainda mais sentido, não como um modismo pedagógico passageiro, mas como um caminho legítimo e urgente de transformação educacional. Essas abordagens colocam o estudante



no centro do processo, valorizando suas experiências, dúvidas e descobertas como elementos essenciais para a construção do conhecimento.

As metodologias ativas propõem justamente isso: deslocar o estudante da posição passiva e colocá-lo como agente do próprio aprendizado. Para Moran (2019), essas abordagens valorizam a participação efetiva do aluno, estimulando seu protagonismo e a construção do conhecimento a partir da experiência prática, do diálogo e da reflexão crítica. Estratégias como sala de aula invertida, gamificação, projetos maker e aprendizagem baseada em problemas trazem novas possibilidades de ensino, promovendo um ambiente mais dinâmico e inclusivo. Elas criam um espaço em que o erro não é mais visto como sinônimo de fracasso, mas sim como parte natural e necessária do processo de aprendizagem, incentivando a resiliência e a criatividade.

Ao observar o funcionamento dessas abordagens no cotidiano escolar, percebe-se algo revelador e transformador: os alunos passam a se desafiar mutuamente, a se escutar com atenção, a questionar opiniões e até a discordar de forma construtiva, promovendo a troca de saberes. Mais importante ainda, eles aprendem juntos, desenvolvendo não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também habilidades socioemocionais essenciais, como empatia, colaboração e responsabilidade. A autonomia dos estudantes cresce de forma consistente, e o senso de pertencimento à comunidade escolar se fortalece. Dessa forma, a escola deixa de ser um espaço meramente formal e distante, tornando-se um ambiente mais vivo, significativo, real e conectado às demandas do presente, capaz de formar cidadãos críticos e preparados para os desafios do mundo contemporâneo (MORAN, 2015; ABREU; COELHO, 2022).

2.3 RELAÇÃO ENTRE METODOLOGIAS ATIVAS E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

É justamente no entrelaçamento entre essas duas dimensões – o fazer e o sentir – que reside uma das maiores potências da educação contemporânea. Quando os estudantes participam ativamente de projetos, interagem com colegas de diferentes perfis e enfrentam desafios em grupo, habilidades como empatia, paciência, escuta ativa e autorregulação emocional são naturalmente exercitadas. Segundo Zerbini (2017), o desenvolvimento socioemocional ocorre de forma integrada à participação ativa e colaborativa no ambiente escolar, favorecendo a formação integral do estudante.

Lembro de uma atividade em que, diante de um problema complexo, o grupo precisou negociar diferentes pontos de vista. Houve discordâncias, silêncios, até mesmo impasses. Mas também houve respeito, cooperação e crescimento. Ninguém saiu o mesmo daquele processo. Conforme Freire (1996), a dimensão dialógica e a convivência com o conflito são essenciais para a aprendizagem significativa e a transformação pessoal.

A gamificação, por exemplo, tem se mostrado uma aliada poderosa para cultivar a resiliência: perder, tentar de novo, adaptar a estratégia, superar. Tudo isso é aprendizado emocional. Trata-se de desenvolver a capacidade de lidar com a frustração, com a espera, com o outro e com si mesmo. Jogos e dinâmicas gamificadas criam um ambiente seguro para experimentar erros, oferecer feedback imediato e estimular a persistência. Além disso, a gamificação promove a motivação intrínseca, essencial para que os estudantes se envolvam profundamente nos desafios propostos, desenvolvendo habilidades socioemocionais como o autocontrole e a empatia. Conforme evidenciam Garcia (2021) e Cavalcanti (2023), o uso estratégico da gamificação no contexto educacional vai além da



diversão: trata-se de uma ferramenta fundamental para fortalecer competências emocionais e sociais.

“Desenvolver a inteligência socioemocional dos alunos exige mais do que atividades pontuais. É necessário que a escola assuma uma postura coerente e constante, em que os valores da escuta, da empatia, da cooperação e da responsabilidade sejam praticados cotidianamente, tanto nos conteúdos quanto nas relações.” (Oliveira e Moraes, 2021, p. 112)

2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL E NACIONAL: DESAFIOS NA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL EM ARACAJU-SE E NO BRASIL

O cenário educacional brasileiro tem se esforçado para reconhecer a importância das habilidades socioemocionais, especialmente após sua formalização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que passou a incluir essas competências como elementos fundamentais para o desenvolvimento integral dos estudantes. Ainda assim, os dados mais recentes revelam um retrato preocupante: o Censo Escolar de 2023 apontou que 81% das escolas públicas relataram conflitos interpessoais recorrentes entre os alunos (INEP, 2023). Esse dado revela que, apesar das políticas e diretrizes voltadas à promoção da convivência e do respeito, muitos ambientes escolares ainda enfrentam dificuldades significativas para traduzir essas intenções em práticas efetivas. É como se, apesar das intenções expressas, ainda faltasse algo essencial e estruturante na base da convivência escolar, sobretudo no que se refere à regulação emocional e à construção de relações empáticas entre estudantes.

No estado de Sergipe, essa realidade se torna ainda mais visível e complexa. Segundo o Relatório de Indicadores Educacionais da Secretaria Estadual de Educação de Sergipe (SEE/SE, 2024), 65% dos coordenadores pedagógicos da rede pública apontam a baixa autorregulação emocional dos estudantes como um dos principais desafios para a gestão do ambiente escolar e para a promoção de um clima mais harmonioso. Outro dado alarmante aponta que mais da metade das escolas relatam a comunicação violenta, seja por meio de palavras agressivas ou atitudes intimidatórias, como forma comum de resolver conflitos cotidianos. Tal panorama acende um alerta urgente para a necessidade de ações estruturadas e contínuas, que envolvam não só alunos, mas também professores, gestores e famílias em uma rede de apoio afetiva e pedagógica.

Na capital, Aracaju, mesmo com esforços pontuais e inovadores, como projetos-piloto voltados às chamadas “competências para a vida” ou inteligência socioemocional, os obstáculos persistem. As salas de aula frequentemente se apresentam superlotadas, dificultando a atenção individualizada e a mediação efetiva das relações. Além disso, a rotatividade constante de professores compromete a continuidade das estratégias implementadas, gerando dificuldades na consolidação de práticas socioemocionais sólidas. A falta de materiais didáticos adequados e de formação continuada dedicada ao desenvolvimento dessas habilidades também limita o potencial de avanço nesse campo (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ARACAJU, 2024).

Diante desse contexto multifacetado, a integração entre metodologias ativas de ensino, que valorizam a participação, o protagonismo e a experiência do aluno, e o desenvolvimento socioemocional surge como um caminho potente e necessário para transformar realidades escolares. Essa integração, contudo, ainda precisa ser trilhada com mais firmeza, investimentos, apoio institucional e formação especializada para os



educadores, considerando o papel central que esses profissionais desempenham na mediação das relações e na promoção do bem-estar coletivo. Este artigo se propõe a compartilhar uma experiência real, ancorada nesse cenário desafiador, para refletir sobre caminhos possíveis e inspiradores. Afinal, cada escola, cada professor e cada aluno carrega suas próprias histórias, suas dores e suas conquistas. E é a partir dessas realidades, singulares e coletivas, que podemos, talvez, construir um novo jeito de ensinar e de aprender capaz de promover não só o conhecimento, mas também a convivência saudável e o desenvolvimento integral dos sujeitos.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Entre os anos de 2019 e 2022, vivi uma das etapas mais desafiadoras e enriquecedoras da minha trajetória como educador. Durante esse período, atuei como professor de Ciências e Desenvolvimento Humano em uma escola municipal de Aracaju-SE, com um foco especial em práticas voltadas à inteligência emocional no Ensino Fundamental II. O que compartilho a seguir não é apenas um recorte técnico da minha prática docente, mas também um testemunho pessoal, entre descobertas, dúvidas e pequenas transformações cotidianas.

Desde os primeiros dias na escola, percebi que ensinar vai muito além do conteúdo. A rotina escolar exigia não apenas planejamento e organização, mas, sobretudo, sensibilidade. Lembro-me vividamente de uma roda de conversa sobre emoções, realizada ainda nas primeiras semanas de aula. Um aluno, até então reservado e silencioso, compartilhou com a turma o medo de ser ridicularizado ao cometer erros na frente dos outros. A forma como os colegas reagiram, com empatia, respeito e acolhimento, foi uma daquelas cenas que permanecem. Aquele momento me revelou algo profundo: quando há escuta genuína, o espaço escolar se transforma. Um simples gesto de coragem pode inaugurar uma nova dinâmica em sala.

Claro que nem tudo foram flores. Implementar práticas inovadoras, como a gamificação e a aprendizagem baseada em projetos, nem sempre encontrou terreno fértil. Em algumas turmas, houve resistência. Alguns alunos estranharam as novas metodologias, questionaram seu propósito, demonstraram certo desconforto com o que chamavam de “brincadeira demais”. Houve dias em que me perguntei se valia mesmo a pena insistir, e foram muitos.

Mas foi nesses momentos de tensão e dúvida que surgiram aprendizados inesperados. Adaptei estratégias, escutei críticas sinceras dos próprios alunos e replanejei atividades com base nessas devolutivas. Aprendi a enxergar progresso onde antes via apenas desafio: o aluno introvertido que, de repente, decide liderar um grupo; o 8º ano, marcado por conflitos constantes, finalizando o primeiro projeto sem grandes desentendimentos. Pequenas vitórias, mas profundamente significativas.

Também enfrentei frustrações mais duras. Mesmo com todo o empenho, havia estudantes que se mantinham distantes, desconectados das propostas colaborativas. Nesses casos, optei por algo simples, mas nem sempre fácil: conversar. Reservei momentos individuais, me dispus a ouvir, a entender as barreiras invisíveis que tantas vezes limitam a participação. E descobri, com surpresa, que o respeito ao tempo de cada aluno, aliado à escuta empática, pode gerar aproximações que nenhuma metodologia, por si só, consegue garantir.

Entre as estratégias adotadas, os diários reflexivos se mostraram uma ferramenta



transformadora. Propor que os alunos registrassem semanalmente suas emoções, inseguranças e conquistas parecia, à primeira vista, algo pequeno. Mas os relatos que recebi, muitos anônimos, revelaram um universo interno rico e, muitas vezes, silencioso: medos familiares, dúvidas sobre o futuro, pressões emocionais que passariam despercebidas não fosse esse canal de expressão. Fiquei profundamente tocado. E me perguntei: quantos sentimentos não se perdem no cotidiano escolar por falta de espaços verdadeiros de escuta?

Com o tempo, observei mudanças concretas: maior tranquilidade diante de avaliações, negociações mais maduras em trabalhos em grupo e, talvez o mais gratificante, o florescimento da empatia nas interações diárias. Não era uma revolução. Era algo mais sutil, mas consistente.

Projetos interdisciplinares também trouxeram lições valiosas. Recordo especialmente de um episódio envolvendo dois alunos que disputavam a liderança de um grupo. Em vez de intervir com uma decisão arbitrária, optei por lançar perguntas: “Como vocês podem tomar essa decisão de forma justa?”, “O que faz alguém ser um bom líder?”. A resposta veio deles, não de mim. Escolheram dividir a liderança, permitindo que todos tivessem voz. Ali compreendi, mais uma vez, que os estudantes possuem soluções criativas, desde que haja espaço para que elas floresçam. O professor, nesse contexto, precisa mais mediar do que controlar.

Ainda assim, não romantizo a experiência. Houve e ainda há muitos desafios. Recursos escassos, turmas lotadas, carga emocional elevada, falta de formação continuada específica para temas tão delicados. Tudo isso fez parte do percurso. E não foram poucas as vezes em que me vi cansado, frustrado, sentindo que pouco podia fazer diante das limitações estruturais.

Mas mesmo diante disso, optei por valorizar cada avanço. E foi assim que aprendi, como educador, a celebrar as pequenas conquistas: a escuta mais atenta, o conflito evitado, a expressão de uma emoção difícil. Acredito que é nesse acúmulo de pequenas experiências que mora a potência real da educação — uma potência que se constrói devagar, com paciência, com erros e acertos, e com um olhar comprometido com o humano.

3.1 QUADROS E TABELAS: EVIDÊNCIAS DA PRÁTICA

Ao longo do trabalho com metodologias ativas, diferentes formatos e estratégias foram aplicados com o objetivo de promover o desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes. Para organizar essas experiências e facilitar a comparação entre abordagens inovadoras e métodos tradicionais, apresento a seguir um quadro e uma tabela que ilustram, respectivamente, exemplos concretos das metodologias utilizadas e um comparativo sintético entre metodologias ativas e ensino tradicional.

METODOLOGIAS ATIVAS E COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DESENVOLVIDAS

Quadro 1: Exemplos de Metodologias Ativas e Competências Socioemocionais Desenvolvidas.

METODOLOGIA ATIVA	COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL ESTIMULADA	EXEMPLO PRÁTICO DE APLICAÇÃO
Gamificação	Resiliência, cooperação, responsabilidade	Torneios temáticos, desafios intergrupais



Aprendizagem Baseada em Projetos	Empatia, diálogo, tomada de decisões	Projetos sobre problemas locais em grupos
Rodas de Conversa	Escuta ativa, autoconhecimento, solidariedade	Compartilhamento semanal de experiências pessoais
Sala de Aula Invertida	Autonomia, disciplina, colaboração	Aulas em que alunos pesquisam temas e debatem

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

METODOLOGIAS ATIVAS X ENSINO TRADICIONAL

Quadro 2: Comparativo: Metodologias Ativas x Ensino Tradicional

ASPECTOS		METODOLOGIAS ATIVAS	ENSINO TRADICIONAL
Papel do estudante		Protagonista, ativo, colaborador	Passivo, receptor de informações
Desenvolvimento emocional		Priorizado, com atividades voltadas à convivência	Secundário, pouco planejado
Resolução de conflitos		Coletiva, mediada pelos pares/professor	Vertical, baseada na autoridade
Inclusão		Grupos heterogêneos, valorização de diferenças	Foco homogêneo, pouca valorização de diferenças
Engajamento		Elevado, devido ao protagonismo e participação ativa	Variável, geralmente baixo

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Ao revisitar toda essa trajetória, percebo que amadureci tanto quanto meus alunos. Saio desse período com a convicção de que, apesar de todas as limitações e desafios, cultivar espaços abertos de escuta, colaboração e respeito mútuo faz toda a diferença na vida escolar. Levo comigo a certeza de que a educação, quando pautada pelo afeto e pela intencionalidade, transforma muito além dos conteúdos disciplinares e deixa marcas profundas tanto em quem ensina quanto em quem aprende.

4 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

A experiência acumulada evidencia que a integração entre metodologias ativas e



propostas voltadas ao desenvolvimento socioemocional é um caminho promissor, porém exige intencionalidade, reflexão constante e sensibilidade por parte do educador. É fundamental que o professor atue como mediador, promovendo ambientes de aprendizagem colaborativos e dialógicos, nos quais os estudantes sintam-se encorajados a expressar suas ideias e emoções. A autonomia conferida aos estudantes não apenas promove um sentido de pertencimento, fortalecimento da autoestima e disposição para assumir responsabilidades no processo de aprendizagem (FREIRE, 1996), mas também impulsiona a construção de competências críticas e criativas que são essenciais para o enfrentamento dos desafios do mundo contemporâneo.

A convivência em grupos heterogêneos, com diferentes perfis, ritmos e modos de pensar, desafia os alunos a exercitarem tolerância, cooperação, empatia e negociação, preparando-os para lidar com situações complexas tanto dentro quanto fora da escola. O espaço concedido ao erro e à experimentação, geralmente inserido nas atividades ativas, auxilia no gerenciamento de frustrações, no desenvolvimento da resiliência e no amadurecimento emocional dos discentes (ZILBERMAN, 2011). Além disso, essas experiências promovem a compreensão das próprias limitações e potencialidades, estimulando uma autoavaliação crítica e contínua.

Entretanto, persistem limites e desafios práticos para a implementação efetiva dessas abordagens, tais como a necessidade urgente de formação continuada e apoio institucional estruturado para que as ações se consolidem e se tornem rotina nas práticas pedagógicas. Muitos professores ainda enfrentam insegurança e resistência, especialmente ao abdicar do controle central da aula e ao experimentar novas dinâmicas que exigem flexibilidade e criatividade. Ademais, há uma demanda significativa por materiais e recursos didáticos adaptados à diversidade e à realidade das escolas públicas, que muitas vezes lidam com restrições orçamentárias e estruturais (TARDIF, 2014).

Vale ressaltar que o impacto observado nas turmas não foi homogêneo: fatores como o perfil da turma, o contexto social, econômico e cultural, bem como o histórico individual de cada estudante, influenciou as dinâmicas grupais e a receptividade às novas metodologias. Por isso, a escuta ativa de professores e alunos tornou-se ferramenta fundamental para ajustar as propostas pedagógicas de modo sensível às demandas emergentes, promovendo o diálogo e a construção coletiva do processo educativo. Esse processo contínuo de avaliação e ajuste contribui para aprimorar a eficácia das práticas e para o desenvolvimento de ambientes escolares mais acolhedores e inclusivos.

Refletir sobre a própria prática revelou a centralidade de um olhar humanizado no ensino, capaz de valorizar os progressos individuais e de reconhecer a importância do coletivo para o florescimento da aprendizagem e do convívio ético. O educador passa, assim, a exercer seu papel não apenas como transmissor de conteúdos, mas como facilitador do desenvolvimento integral, que contempla aspectos cognitivos, emocionais e sociais do estudante, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatar e analisar a implementação de metodologias ativas no Ensino Fundamental, fica evidente que essas práticas possuem um potencial transformador tanto na dimensão cognitiva quanto na socioemocional dos estudantes. Um ambiente educacional que valoriza a autonomia, o diálogo, a escuta e a resolução compartilhada dos



conflitos contribui diretamente para o amadurecimento pessoal e coletivo, revelando uma escola preparada para os desafios do século XXI. Nesse sentido, metodologias que envolvem o estudante como protagonista na construção do conhecimento fortalecem a sua capacidade de pensar criticamente, resolver problemas complexos e desenvolver habilidades socioemocionais essenciais para a vida em sociedade.

Os exemplos vivenciados confirmam que o desenvolvimento de competências como autoconhecimento, resiliência, convivência respeitosa, escuta e mediação é favorecido quando há intencionalidade pedagógica e abertura para inovação. Tais competências são fundamentais para a formação integral do estudante, pois vão além do aprendizado acadêmico e promovem a construção de relações interpessoais empáticas e assertivas. Investir em formação continuada dos educadores, fortalecer o suporte institucional e estimular práticas colaborativas entre professores, alunos e famílias são caminhos essenciais para que as escolas possam garantir experiências pedagógicas integradoras, inspiradoras e de impacto duradouro.

Por outro lado, é necessário reconhecer que a implementação dessas metodologias enfrenta desafios concretos, como a resistência inicial de alguns alunos e professores, limitações de recursos materiais e tecnológicos, além do contexto social adverso presente em muitas escolas públicas. Estes obstáculos não devem ser vistos como barreiras intransponíveis, mas sim como pontos de atenção que exigem planejamento cuidadoso, paciência, flexibilidade e empenho contínuo para superação. Além disso, é fundamental que as políticas públicas promovam o investimento e a valorização do trabalho docente, criando condições adequadas para que práticas inovadoras possam ser ampliadas e sustentadas de forma efetiva.

Além disso, a escuta ativa e o diálogo permanente com toda a comunidade escolar mostraram-se indispensáveis para adaptar as estratégias pedagógicas às necessidades específicas de cada turma e contextos locais. A participação dos estudantes, professores, famílias e demais atores envolvidos enriquece o processo educativo, potencializando o protagonismo juvenil e fortalecendo o sentimento de pertencimento. A flexibilidade e a sensibilidade do educador são, portanto, elementos fundamentais para que as práticas possam se tornar efetivas e significativas, promovendo um ambiente inclusivo, acolhedor e estimulante, capaz de fomentar a curiosidade, a criatividade e o compromisso ético.

Por fim, ressalta-se o caráter exploratório deste relato, que procura fomentar o debate sobre práticas educativas mais humanas, inovadoras e ajustadas às necessidades contemporâneas da escola pública brasileira. O compromisso com uma formação que alie aspectos cognitivos e afetivos deve ser o norte de uma educação verdadeiramente emancipadora, capaz de preparar cidadãos críticos, empáticos e engajados com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável. Assim, a escola não se limita à transmissão de conteúdos, mas se torna um espaço de produção de sentido, transformação social e fortalecimento da democracia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Rodrigo; COELHO, Mônica. Metodologias ativas na prática docente: teoria, exemplos e desafios. São Paulo: Ed. Universitária, 2022.



BARBOSA, G.; OLIVEIRA, C. T. de. Educação ambiental na **Base Nacional Comum Curricular**. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 1, p. 323-335, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v37i1.11000>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CAVALCANTI, Angélica. Competências socioemocionais na escola: práticas e reflexões. Recife: Edupe, 2022.

CAVALCANTI, Angélica. Socioemocional no Ensino Fundamental – análise qualitativa. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, 2023.

COSTA, Carla; PIMENTEL, Juliana. Desafios da implementação das competências socioemocionais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, 2022.

DAMÁSIO, Antônio R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DEWEY, John. Experiência e educação. Campinas: Papyrus, 1959.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Lia. Aprendizagem baseada em problemas e competências socioemocionais: experiências e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2021.

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar 2023: resultados e análises. Brasília: INEP, 2023.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Referencial para o desenvolvimento das competências socioemocionais. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2018.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Campinas: Papyrus, 2015.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma aprendizagem inovadora. São Paulo: Penso, 2019.

OLIVEIRA, Ana L.; MORAES, Carlos F. Desenvolvimento da inteligência socioemocional na escola: práticas e desafios. São Paulo: Editora Educação & Vida, 2021.



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ARACAJU. Relatório de práticas pedagógicas e desafios socioemocionais em 2024. Aracaju: SME, 2024.

SEE/SE – Secretaria de Estado da Educação de Sergipe. Relatório de indicadores educacionais do Estado de Sergipe. Aracaju: SEE/SE, 2024.

SPONTE, Renata. Metodologias ativas em sala de aula: experiências e resultados. **Revista Educação e Transformação**, v. 10, n. 5, p. 87-104, 2023.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZERBINI, Tania Cristina de Carvalho. Educação socioemocional e desenvolvimento integral: repensando práticas pedagógicas. São Paulo: Cortez, 2017.